

A PLANTAÇÃO DA IGREJA NO ÉDEN

*Daniel Santos**

RESUMO

O propósito deste artigo é avaliar algumas características distintivas daquilo que o autor acredita ser a *igreja* no Antigo Testamento. Por razões de espaço, o foco da pesquisa está restrito aos eventos e narrativas relacionados ao Éden, ainda que algumas implicações de suas conclusões sejam verificadas à luz de outros eventos anteriores ao Dilúvio. Para o autor, é possível pensar numa igreja no sentido mais pleno da palavra, ainda no período do Antigo Testamento. As marcas dessa igreja, inicialmente expostas no contexto do Éden, permaneceram delineando a adoração do povo de Deus por toda a história do Antigo Testamento.

PALAVRAS-CHAVE

Igreja; Jardim do Éden; Árvore da vida; Árvore do conhecimento do bem e do mal; Eclesiologia.

INTRODUÇÃO

É correto pensarmos na existência de uma igreja no Antigo Testamento no sentido mais pleno da palavra? As características distintivas da comunidade que perseverava na doutrina dos apóstolos, conforme lemos no livro de Atos, deixaram um ponto de referência marcante no cristianismo pelos séculos afora. Segundo o texto, a igreja é uma comunidade marcada pela evangelização, pelo poder do Espírito Santo, pela vida comunitária generosa e comprometida com as necessidades do próximo, pela observância da doutrina dos apóstolos e pela

* O autor é doutor em Estudos Teológicos no Antigo Testamento pela Trinity Evangelical Divinity School (Ph.D., 2006) e professor de Antigo Testamento no CPAJ desde 2007. Está no quarto ano de estudos pós-doutorais no Wycliffe Hall, Oxford, como bolsista da Langham Partnership International, sob a orientação de Kevin J. Vanhoozer, pesquisando a literatura sapiencial do Antigo Testamento.

confissão de que Jesus Cristo é Senhor. No Concílio de Niceia (325 d.C.), foram propostas quatro marcas da igreja: uma igreja una, santa, católica e apostólica.¹ Os teólogos reformados não concordaram entre si quanto ao número nem a natureza das marcas de uma igreja verdadeira. Berkhof nos proporciona um rápido diagnóstico da situação:

...alguns falavam em termos de apenas uma [marca], a pregação da doutrina pura do evangelho (Beza, Alsted, Amesius, Heidanus, Maresius); outros falavam de duas, a pregação pura do evangelho e a correta administração dos sacramentos (Calvino, Bullinger, Zanchius, Junius, Gomarus, Mastricht); e ainda havia aqueles que acrescentavam às duas marcas acima uma terceira, a saber, o fiel exercício da disciplina (Hyperius, Martyr, Ursinus, Trelcatius, Heidegger, Wendelinus).²

Se adotarmos, por exemplo, o modelo proposto pelas nove marcas de uma igreja saudável, podemos dizer que a igreja no período do Antigo Testamento, se ela existiu, não foi uma igreja saudável, pois não encontramos, por exemplo, ocorrências da pregação do evangelho, da conversão, do evangelismo e do discipulado.³

Diante disso, não é raro encontrarmos aqueles que questionam a existência de uma igreja no período do Antigo Testamento no sentido pleno da palavra, já que, segundo estes, não temos exemplos concretos de evangelização, nem do derramamento e presença permanente do Espírito Santo, nem da vida comunitária exemplificada pelos cristãos da igreja primitiva e nem da confissão característica de que Jesus Cristo é o Senhor. O máximo que poderíamos dizer, segundo eles, é que o Antigo Testamento contém apenas aspectos e sombras daquilo que viria a se concretizar posteriormente.

A proposta deste artigo é mostrar que há muitos elementos que não têm sido comumente levados em consideração quando o conceito de igreja é definido. Conquanto este estudo não vise redefinir o conceito de igreja, o interesse em redefinir os limites históricos a partir de quando podemos pensar de forma concreta sobre esse conceito é, sem dúvida, uma preocupação que permeia todo o argumento.

1. O ÉDEN COMO A PRIMEIRA IGREJA

Embora não precisemos depreciar a beleza e requinte do projeto paisagístico de um jardim idealizado por Deus para receber o primeiro casal, também não podemos ignorar o fato de que, para apreciar suas características de maneira plena, precisamos entendê-lo como um local de adoração e culto. O Éden era

¹ CROSS, F. L. e LIVINGSTONE, E. A. *The Oxford Dictionary of the Christian Church*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2005, p. 1170.

² BERKHOF, L. *Systematic Theology*. Grand Rapids: Eerdmans, 1964, p. 576.

³ DEVER, M. E. *Nine Marks of a Healthy Church*. Wheaton: Crossway Books, 2004.

um lugar especial porque nele Deus se encontrava com o ser humano para ter comunhão com ele, no dia que foi devidamente santificado para esse fim. Alternativamente, poderíamos dizer que o Éden não foi idealizado para ser o habitat do ser humano, mas sim o local de encontro onde criatura e Criador desfrutariam de um interminável relacionamento de amor e conhecimento que seria a fonte inspiradora para o domínio esperado. O habitat do ser humano extrapolava os limites do jardim, indo eventualmente até os confins da terra. O mesmo pode ser dito da relação que temos hoje com o espaço físico de nossa igreja local; aquele não é nosso habitat, mas o local de encontro público de adoração. Conforme as palavras de consagração do ser humano no dia de sua criação, sua missão envolvia o desenvolvimento e manutenção de um domínio sobre toda a terra (Gn 1.28) e não apenas sobre os animais e plantas dentro do perímetro daquele jardim.

Na perspectiva dos povos do antigo Oriente Próximo, desde os tempos mais remotos da civilização o conceito de *jardim* está bastante associado com local de culto e não com local de habitação.⁴ Na cosmovisão pagã dos povos ao redor de Israel, era nos jardins que suas divindades eram retratadas encontrando reis e pessoas de renome. Era nos jardins que as grandes cenas do panteão pagão eram descritas.⁵

Há vários elementos que apontam para o Éden com uma conotação que vai além de um mero jardim. Na discussão a seguir tratarei de alguns deles: a) o Éden era um local no qual a obediência e o amor podiam ser verificados, b) o Éden era um local em que Deus se encontrava com o ser humano, c) o Éden era o local onde se encontrava a árvore da vida, d) o Éden era o local onde se encontrava a árvore do conhecimento.

1.1 Local onde obediência e amor podiam ser verificados

O propósito de criar o homem e a mulher e em seguida colocá-los no jardim do Éden tinha como finalidade maior a demonstração da obediência e amor da criatura para com o Criador. A obediência seria evidenciada no cumprimento das obrigações como ser humano criado à imagem de Deus e colocado dentro deste jardim com a responsabilidade de o “cultivar” e “guardar”. Alguns comentaristas têm observado corretamente o fato de Deus ter “tomado” o homem (לָקַח) e, na sequência, o ter “colocado” (וַיִּשָּׁן, lit. *fê-lo repousar, fê-lo*

⁴ CORNELIUS, Izak. Paradise motifs in the eschatology of the minor prophets and the iconography of the ancient near east. *Journal of Northwest Semitic Languages* 14, 1988, p. 41-83; KOUIJ, A. V. The story of paradise in the light of Mesopotamian culture and literature. In: *Genesis, Isaiah, and Psalms*. Leiden: Brill, 2010, p. 3-22; BREMMER, J. N. Paradise: from Persia, via Greece, into the Septuagint. In: *Paradise Interpreted*. Leiden: Brill, 1999, p. 1-20; GOODMAN, M. Paradise, gardens, and the afterlife in the first century CE. In: *Paradise in Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 57-63.

⁵ ALEXANDER, T. D. e BAKER, D. W. *Dictionary of the Old Testament: Pentateuch*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2003, p. 203.

permanecer) dentro do perímetro daquele jardim.⁶ Considerando que o ser humano não foi criado para viver apenas *no jardim*, mas deveria exercer seu domínio pactual sobre toda a criação, não é difícil imaginar que a sua rotina diária incluiria uma peregrinação sem limites por toda a face da terra. Assim, aquilo que vinculou o primeiro casal àquele local chamado Éden, apesar de terem sido criados para dominar sobre toda a terra, foi essa responsabilidade de cultivá-lo e guardá-lo.

Ambas as expressões pressupõem continuidade com o plano original. Cultivar abre espaço para desenvolvimento e descoberta de aspectos outrora ocultos ou não explorados, enquanto que guardar reforça a necessidade de manter, perpetuar e preservar estruturas do arquétipo inicial. O amor seria evidenciado no espírito e motivação com o qual eles exerceriam tal papel. Esse conjunto de obediência e amor é uma das características fundamentais dos primeiros adoradores na igreja do Antigo Testamento. Aqueles que porventura comparecessem diante de Deus para mais uma caminhada com ele na viração do dia, deveriam fazê-lo, antes de qualquer outro motivo, por amor àquele que os havia criado com capacidades espirituais, morais e intelectuais de ter comunhão com ele. No contexto pré-queda, Adão e Eva eram convocados diariamente a comparecer na presença de Deus na viração do dia e, de maneira especial, no sábado, convocação esta oriunda da aliança de Deus com a humanidade no ato da criação. O local escolhido por Deus para que eles comparecessem é, portanto, um elemento verificador dessa obediência em amor. O primeiro casal poderia escolher *não vir*, o que eventualmente acabou acontecendo. O Senhor teve que emitir uma segunda convocação já que Adão e Eva simplesmente deixaram o Senhor esperando: “Quando ouviram a voz do Senhor Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do Senhor Deus” (Gn 3.8, ARA). A decisão de *se esconder* do Senhor, estando no local que havia sido originalmente designado para *se encontrar* com ele, é um exemplo da natureza da rebeldia praticada pelo primeiro casal. Assim, o ato de apresentar-se diante de Deus caracterizou o perfil inicial da igreja plantada no Éden, e fazê-lo com alegria e voluntariamente representava de maneira concreta um ato de amor.

O que vincula o cristão atual ao local que Deus estabeleceu para encontrá-lo? Qual o senso de responsabilidade que o associa ao mandato de cultivar e guardar o construto devocional idealizado por Deus? De que maneira o ajuntamento dos santos em adoração cria uma experiência na qual a obediência e o amor podem ser verificados? Essas perguntas não são comumente associadas às discussões de práticas litúrgicas e modelos eclesiais em nossos dias.

⁶ HESS, R. S.; TSUMURA, D. T. *I Studied Inscriptions before the Flood: ancient near eastern, literary, and linguistic approaches to Genesis 1-11*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 1994, p. 399.

1.2 Local onde Deus se encontrava com o ser humano

A presença do Senhor no jardim era real.⁷ Ele é descrito como: a) *andando* מִתְּהַלֵּךְ (hitpa'el: enfatizando o modo recíproco ou reflexivo) pelo jardim, b) num *momento específico*, a saber, “na viração do dia” (lit. “no espírito do dia” ou “no vento do dia”, לְרוּחַ הַיּוֹם, de onde a LXX traduziu τὸ δειλινόν, tarde), e c) fazendo uso de meios que podiam ser identificados pelos órgãos sensoriais do ser humano, ou seja, eles ouviram a *voz do Senhor* enquanto este passava pelo jardim.⁸ A expressão utilizada para descrever a caminhada de Deus no jardim é a mesma forma verbal que descreve a caminhada de Deus com Enoque (cf. Gn 5.24: “e *andou* Enoque com Deus”, ARA), além de muitos outros homens e mulheres de Deus que são chamados a *andar na presença de Deus*. Exemplos que utilizam a mesma forma verbal incluem: Noé (Gn 6.9: “Noé andava com Deus”), Abraão (Gn 17.1: “anda na minha presença e sê perfeito”), Samuel (1Sm 2.35: “e andaré ele diante do meu ungido para sempre”) e tantos outros casos de reis de Israel e Judá que foram descritos como tendo andado ou não na presença do Senhor. Todas essas citações apontam para o paradigma que teve início na igreja (local de adoração) estabelecida no Éden, o qual ressaltava o modo concreto e real de perceber e proceder na presença de Deus. Longe de ser um mero detalhe, essa proposta iniciada na igreja plantada no Éden reflete um desejo contínuo da parte de Deus em querer andar com o seu povo. Quando o rei Davi tentou construir um templo (local de adoração) em Jerusalém, o Senhor reagiu àquela proposta afirmando que, desde o dia em que fez os filhos de Israel subir do Egito até os dias de Davi, em casa nenhuma ele tinha habitado, mas sim *andado* em tenda e em tabernáculo (2Sm 7.6). Neste caso em particular, andar com Deus ou andar na presença de Deus é oficialmente associado com o modelo do tabernáculo, do qual se diz alternativamente: “o Senhor *tabernaculou* no meio do seu povo”. De fato, no desfecho da história da redenção, o próprio Senhor, o Deus todo-poderoso, será o nosso tabernáculo (Ap 21.22).

Assim, podemos afirmar que este primeiro elemento que caracteriza o encontro de Deus com sua criatura no local de adoração chamado Éden continuou definindo o centro de interesse do modelo de igreja em toda a Bíblia. É precisamente esse vínculo entre a presença de Deus e o jardim que faz do local um terreno santo. Dumbrell teve aparentemente a mesma percepção quando disse: “Já que a presença de Deus era localizada e experimentada ali,

⁷ LANGE, J. P. *A Commentary on the Holy Scriptures: Genesis*. Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2008, p. 231; BLENKINSOPP, J. *Creation, Un-Creation, Re-Creation: A Discursive Commentary on Genesis 1-11*. London; New York: T & T Clark, 2011, p. 46; WALTON, J. H. *The Lost World of Genesis One: Ancient Cosmology and the Origins Debate*. Downers Grove: IVP Academic, 2010, p. 82.

⁸ JAMIESON, R., et al. *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*. Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, Inc., 1997, p. 78.

o jardim é terreno sagrado, como também posteriormente o templo em Israel ilustrava o modo como eles deviam aproximar-se de Deus”.⁹ Veja que, para Dumbrell, o projeto do Éden se torna um protótipo para o tabernáculo e o templo, especialmente no item relacionado à presença de Deus.

Qual a percepção que a igreja atual tem de *andar com Deus* enquanto caminha como igreja local? A vida cristã, antes de ser uma vida comunitária com os santos, é vida com Deus, caminhando com ele e por causa dele. Aqueles que têm a consciência de estar andando com Deus antes de estar andando com o próximo enriquecerão sobremaneira o nível de comunhão e relacionamento com esse próximo.

1.3 Local onde se encontrava a árvore da vida

Dentre todos os aspectos relacionados ao jardim do Éden como um protótipo da igreja, a presença da árvore da vida é o mais importante.¹⁰ A árvore da vida estava localizada no meio do jardim (cf. 2.8-9), embora o texto bíblico não nos informe que o Senhor tenha indicado formalmente o seu local para o primeiro casal. Alguns comentaristas concluem da leitura paralela de Gênesis 2.9 e 3.3 que as duas árvores estavam uma do lado da outra, ambas no meio do jardim.¹¹ Mais importante que a relação entre as duas árvores, Gênesis 4.24 relata que, após o Senhor ter expulso Adão e Eva do jardim, ele tomou a precaução de guardar *o caminho da árvore da vida* (heb. אֶת־הַדֶּרֶךְ עֵץ). Dentro do contexto do jardim do Éden havia, então, um *caminho* que conduzia ao contato ou à experiência com a árvore da vida. Não há como saber se Deus caminhou com o primeiro casal neste caminho, apresentando e explicando o conceito por detrás daquela árvore, da mesma maneira que ele os havia instruído em relação à árvore do conhecimento do bem e do mal.

Será que a preocupação de Deus em fechar o caminho até a árvore da vida é um indicativo de que Adão e Eva já conheciam a árvore e poderiam querer continuar usufruindo daquele privilégio após a queda? Com base no restante do relato de Gênesis 3, é muito pouco provável que este tenha sido o caso. Calvino abordou esse assunto com base nas palavras de Deus em Gênesis 3.22: “...para que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente”.

Qual é o centro da preocupação de Deus neste comentário? Será que o fruto dessa árvore poderia restaurar a condição de Adão ao seu estado original?

⁹ DUMBRELL, William J. *Covenant and Creation: an Old Testament Covenant Theology*. Crownhill: Paternoster, 2013, p. 158.

¹⁰ ROSIK, Mariusz. Discovering the secrets of God’s gardens: resurrection as new creation (Gen 2:4b-3:24; Jn 20:1-18). *Liber Annuus* 58, January 1, 2008: 81-98.

¹¹ MATHEWS, K. A. *Genesis 1-11:26*. Vol. 1A. The New American Commentary. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1996, p. 202.

Para Calvino este não é ao centro da preocupação aqui. Antes, a preocupação é exatamente com o caráter sacramental da árvore da vida, que não mais corresponde à realidade alterada pela presença do pecado. “É como se Deus estivesse dizendo: para que ele não alimente uma falsa confiança apegando-se ao símbolo da minha promessa, retiremos dele aquilo que poderia lhe dar uma esperança de imortalidade”.¹² De igual modo, Vos também interpreta a árvore da vida como um sacramento, ao dizer que ela “estava associada com a exaltada, imutável vida eterna a ser assegurada mediante a obediência durante o período de provação”.¹³ Para Vos, a árvore da vida tinha um valor sacramental que servia o propósito de ensinar ao ser humano o significado e o valor da vida, mais especificamente, a vida com Deus. “A exatidão disso”, diz Vos,

...é verificada pela recorrência dessa peça de simbolismo em forma escatológica ao fim da história, no qual não é possível haver nenhuma dúvida com relação ao princípio do paraíso ser a habitação de Deus, onde ele mora a fim de fazer que o homem more com ele.¹⁴

De fato, a recorrência deste símbolo sacramental pode ser verificada não apenas em passagens nas quais aparece a expressão “árvore da vida”, mas também onde o conceito está indubitavelmente presente. Por exemplo, a presença do candelabro no santo lugar no tabernáculo é a primeira evidência importante desse elemento no contexto do local de adoração no Antigo Testamento. O candelabro não era apenas um castiçal em forma de um garfo de seis pontas, mas uma réplica de um arbusto, uma amendoeira, para ser mais preciso. A presença da árvore da vida no paraíso descrito em Apocalipse confirma ainda mais o papel desse símbolo para a ideia da igreja no Antigo Testamento a partir do jardim do Éden (cf. Ap 2.7; 22.2,14,19). Assim, a árvore da vida era o sacramento presente na igreja plantada no Éden.

1.4 O local onde se encontrava a árvore do conhecimento

O Éden foi o local em que Deus decidiu colocar também a árvore do conhecimento do bem e do mal, cujo fruto foi vetado ao ser humano como meio de testar a obediência devida a Deus. Os motivos dessa proibição têm sido discutidos em termos da capacidade de discernir *entre o bem e o mal*¹⁵ e

¹² CALVIN, J. *Institutes of the Christian Religion*. Ed. John T. McNeill; trans. Ford Lewis Battles. The Library of Christian Classics; Louisville, KY: Westminster John Knox, 2011, vol. 1, p. 1287.

¹³ VOS, Geerhardus. *Teologia Bíblica do Antigo e Novo Testamentos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 45.

¹⁴ VOS, 2011, p. 44.

¹⁵ ELWELL, W. A.; BEITZEL, B. J. *Baker Encyclopedia of the Bible*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1988, p. 2104. Ver também: KRAŠOVEC, J. Punishment and mercy in the primeval history (Gen 1-11). *Éphemerides Theologicae Lovanienses* 70, no. 1 (Jan. 1, 1994): p. 5-33; RICHELLE, M. La

alguns teólogos apontam o conhecimento da própria sexualidade como o centro da proibição,¹⁶ mas o fator da *obediência* ainda parece ser o elemento mais importante em questão. Estar no jardim do Éden e não lançar mão do fruto dessa árvore representava um exemplo concreto do interesse do ser humano em ter comunhão com Deus, mais do que aventurar-se em uma experiência que lhes custaria esse privilégio. Mais especificamente, a obediência associada com a árvore do conhecimento do bem e do mal *condicionava* a permanência no local em que a experiência de andar com Deus (ou de Deus andar com o ser humano) era concretizada todos os dias. Ora, por que Deus teria o interesse em colocar no meio do jardim dedicado ao momento sagrado de caminhada da criatura com seu Criador um elemento dissonante e sedutor como este? Quando o primeiro casal aproximou-se dessa árvore, suas características foram descritas nos seguintes termos: 1) boa para se comer, 2) agradável aos olhos, e 3) desejável (da mesma raiz do verbo גרמר, “cobiçar”, em Ex 20.17)¹⁷ para dar entendimento (Gn 3.6). Em acréscimo a tudo isso, o fato ainda de Deus ter chamado a atenção do casal para a presença dessa árvore no meio do jardim. Dentre todas as possíveis implicações deste cenário, aquela que mais se relaciona com nosso tópico é o elemento da escolha, ou seja, o ser humano precisava *querer* andar com Deus.¹⁸

2. A IGREJA NOS DIAS DE CAIM, ABEL E SETE

Após a queda do homem, o acesso ao jardim, e conseqüentemente àquela experiência de caminhada com Deus, foi bloqueado pelos querubins que seguravam espadas de fogo (Gn 3.24). A situação resultante dessa decisão divina forçou uma prática que veio a constituir mais um elemento característico da igreja no Antigo Testamento, a saber, o ato de *invocar* a Deus, o qual representa a legítima iniciativa humana de retomar aquela caminhada iniciada no Éden. Quando Adão e Eva caíram em pecado, o Senhor apareceu no jardim chamando (cf. Gn 2.9; o termo hebraico é o mesmo para “invocar”) por Adão e Eva, mas agora é o ser humano que precisa invocar o Senhor a fim de adorá-lo. Vejamos alguns exemplos disso na prática.

structure littéraire de l’histoire primitive (Genèse 1,1-11,26) en son état final. *Biblische Notizen* (Jan. 1, 2011): p. 3-22; ROSIK, M. Discovering the Secrets of God’s Gardens: Resurrection as New Creation (Gen 2:4B-3:24; Jn 20:1-18). *Liber Annuus* 58 (2008): p. 81-98; DUMBRELL, W. J. Genesis 2:1-17: A Foreshadowing of the New Creation. *Biblical theology*. Downers Grove, Ill: InterVarsity, 2002, p. 53-65.

¹⁶ ELWELL, W. A. e COMFORT, P. W. *Tyndale Bible Dictionary*. Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 2001, p. 1273.

¹⁷ WENHAM, G. J. *Genesis 1–15*. Vol. 1. Word Biblical Commentary. Dallas: Word, 1998, p. 75-76.

¹⁸ Sobre esse assunto, ver: KEIL, C. F. e DELITZSCH, F. *Commentary on the Old Testament*. Peabody, MA: Hendrickson, 1996, vol. 1, p. 48; GARRETT, D. A. *Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs*. Vol. 14. The New American Commentary. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1993, p. 318; TATE, M. E. *Psalms 51–100*. Vol. 20. Word Biblical Commentary. Dallas: Word, 1998, p. 330.

Embora não esteja dito de maneira explícita, a finalidade do sacrifício apresentado por Caim e Abel era para que fossem aceitos na presença de Deus (cf. Gn 4.7). Ao que tudo indica, ambos compareceram diante de Deus com a finalidade de trazer seus sacrifícios e ofertas. Essa atitude simboliza os traços de uma prática cuidadosamente instituída que posteriormente veio a ser concretizada na forma de um tabernáculo no qual o povo vinha para trazer suas ofertas a Deus. Há muita ênfase dada na palavra “agradar-se de” quando analisando os motivos da oferta de Caim ter sido rejeitada. Mas o termo hebraico significa apenas “atentar para”, dando a ideia de que o Senhor não deu atenção àquilo que Caim trouxe. O segredo para entender o que está acontecendo aqui é observar a sequência em que a apreciação do Senhor acontece: primeiro ele se agrada ou não do ofertante, para depois considerar a sua oferta. Nos dois casos, se diz que o Senhor se agradou/não se agradou de Abel/Caim e de sua oferta.¹⁹

A palavra de Deus para Caim manifesta claramente um contexto litúrgico e de adoração que tinha sido orientado de alguma forma segundo preceitos estabelecidos. Dentre os preceitos estabelecidos, aparentemente o fato de comparecer diante de Deus com a oferta não era tudo; era preciso fazê-lo com alegria, contentamento e de bom coração e trazer o que foi pedido (Gn 4:7). É curioso observar que novamente o Senhor segue a mesma sequência na apreciação do caso: “Se TU procederes corretamente, não é certo que TU serás aceito?” Antes de olhar para a oferta o Senhor olha para o ofertante e o coração do mesmo.²⁰

Assim, esse famoso evento do primeiro assassinato na Bíblia acontece por causa do que havia se passado num contexto de adoração, quando ambos compareceram diante do Senhor para trazer suas ofertas. Deixando a questão do assassinato de lado por um momento, é importante observamos aqui a necessidade básica do ser humano de buscar a presença de Deus e ser aceito por ele.

3. A IGREJA NOS DIAS DE ENOS

Mais adiante, somos informados que nos dias em que Sete gerou Enos *começou-se a invocar o nome do Senhor* (4.26). A atitude de invocar a presença de Deus caracterizará a reunião que posteriormente virá a ser denominada “congregação”. Esse fenômeno descrito aqui como “buscar a Deus”, o qual tinha se tornado nos dias de Enos uma prática comum, não deve ser visto de maneira simplória. O texto está apontando para uma era muito especial

¹⁹ THATCHER, Tom. Cain and Abel in Early Christian Memory: A Case Study in the Use of the Old Testament in the New. *Catholic Biblical Quarterly* 72.4 (2010): p. 732-751; MOSTER, J. B. Cain: Why Is He Featured so Prominently in the Bible? *Jewish Bible Quarterly* 24, no. 4 (Oct. 1, 1996): p. 233-240.

²⁰ VAN WOLDE, E. J. The story of Cain and Abel: a narrative study. *Journal for the Study of the Old Testament* no. 52 (1991): 25-41; WALTKE, B. K. Cain and his offering. *Westminster Theological Journal* 48, no. 2 (Sept. 1, 1986): 363-372; ZWILLING, Anne-Laure. Cain versus Abel (Gn 4,1-16). In: *Analyse Narrative et Bible*. Leuven: Leuven University Press, 2005, p. 507-516.

em que os descendentes de Sete começaram a levar a sério sua devoção ao Deus verdadeiro.

A maior prova da seriedade daquilo que o texto de Gênesis 4.26 está referindo é a conclusão de que 387 anos depois de Enos, um tataraneto seu, Enoque, ainda continuava andando fervorosamente com o Senhor ao ponto de ser levado por Deus (Gn 5.24). Depois que Enos gerou seu primeiro filho, ele viveu ainda 815 anos (Gn 8.10), ou seja, ele ainda era vivo nos dias em que o seu tataraneto foi levado. Ainda que não tenhamos nenhuma informação quanto ao modo e as características básicas da reunião do povo de Deus para invocá-lo, sabemos que era algo especial e verdadeiro a julgar pelo que aconteceu a Enoque. Nos dias de Enos e Enoque, a igreja redescobriu o privilégio e o fascínio de andar com Deus.

Infelizmente essa era terminou, mas felizmente restou um remanescente do período de Enos que ainda gozava do favor do Senhor – Noé. Nos dias de Noé a situação era completamente outra. Noé, todavia, preservou sua comunhão com Deus ao ponto de ser escolhido para entrar na arca com sua família. O nível de degradação moral naqueles dias é definido nos seguintes termos: maldade multiplicada e desígnio do homem continuamente mau (Gn 6.5). Isto representa um contraste extremo com os dias de Enos, quando o que prevalecia era o desejo de buscar a Deus. Agora, o que prevalece é o desígnio continuamente mau no coração do ser humano.

Depois do Dilúvio, após ter descido da arca com sua família, a primeira coisa que Noé faz é levantar um altar ao Senhor e oferecer holocausto (Gn 8.20-21). Agora, a igreja será reiniciada com um único remanescente dos dias de Enos – Noé. O fato de Noé ter tido a iniciativa de buscar a presença de Deus imediatamente após ter saído da arca demonstra sua fidelidade e responsabilidade para com uma das características mais fundamentais da igreja no Antigo Testamento.

CONCLUSÃO

O propósito deste artigo foi investigar algumas das características da igreja no período do Antigo Testamento, começando no período em que Deus colocou o primeiro casal no jardim do Éden. Conforme vimos, o jardim de Deus no Éden era um local com características claras de um local de adoração e culto; ali era o local em que a obediência e amor a Deus podiam ser verificados, ali era o local em que Deus se encontrava com o ser humano, ali era o local em que estava a árvore da vida e, finalmente, ali era o local em que se encontrava a árvore do conhecimento do bem e do mal. Isto significa dizer que a igreja constituída no contexto do Éden dispunha de um *estatuto*, instruções específicas a serem seguidas para expressar amor e obediência a Deus; dispunha de *sacramentos*, a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal; dispunha de *pregação*, a voz de Deus ouvida na viração do dia; dispunha

de *discipulado*, a caminhada mútua do Criador com sua criatura, e dispunha de um único caminho que conduzia à vida eterna – o caminho da árvore da vida. Conforme discutido brevemente, alguns destes elementos foram preservados nas gerações que vieram após os dias de Adão e Eva, fundamentando assim o conceito de igreja. Havia a consciência formalizada de uma comunidade que se reúne em local e horário determinados para invocar a presença de Deus e ouvir sua voz em obediência e amor.

ABSTRACT

The purpose of this article is to evaluate some of the distinctive features of what the author believes to be a *church* in the Old Testament. The focus of research is restricted to the events and narratives related to Eden (in keeping with the size constraints of this issue), although a few comments are made on the church during the times of Cain and Abel, as well as Enoch and Enosh. According to the author, it is possible to think in terms of a church in the fullest sense of the word during the times of the Old Testament. The marks of this church, which were initially observed in the context of the Garden of Eden, continued on delineating the contours of church life and practice throughout redemptive history.

KEYWORDS

Church; Garden of Eden; Tree of life; Tree of the knowledge of good and evil; Ecclesiology.